

Opinião de jornalistas: brasiliense deve votar

"Justificar a ausência de representação política no Distrito Federal, com o argumento de que a cidade é residência do Presidente da República, e como tal só pode ser governada por um "coleguinha" do Presidente, não tem o menor sentido. Este argumento é capcioso e pueril". Esta é a opinião do colunista político Carlos Chagas, do "Estado de S. Paulo", que defende a eleição direta a todos os níveis para o Distrito Federal.

"Brasília não pode continuar como uma cidade pela metade", afirma o jornalista. "Tem população, tem uma sociedade estratificada, mas não tem representação. Apesar de ser sede do Governo Federal, Brasília tem direito à representação como qualquer outra cidade". Carlos Chagas afirma que, se o Presidente da República tiver apoio popular, elegerá seu candidato a governador do Distrito Federal. "Mas se seu candidato perder, ele deve começar a pensar e se preocupar", disse.

Para o jornalista, Brasília tem direito a três representantes no Senado, além de representantes na Câmara, Assembleia Legislativa e governador, além de uma Câmara de Vereadores

para cada cidade-satélite. "Brasília é uma cidade como qualquer outra", mostra ele. "E o Distrito Federal é um Estado como qualquer outro. É um Estado pequeno, mas Sergipe, por exemplo, também é pequeno.

Para Carlos Chagas, o objetivo da representação política a todos os níveis, eleita diretamente pelo povo, será atingido através da pressão exercida junto ao Congresso, além da participação da população nos debates sobre o assunto.

O jornalista Pompeu de Souza, diretor da sucursal do "Diário da Manhã", de Goiânia, acredita que o Distrito Federal reúne em sua população segmentos dos mais politizados do País. Como tal, excluir essa parcela da população brasileira do direito de ter representação política nos órgãos do Governo Federal e local, constitui uma incoerência.

Pompeu afirma que o argumento de que Brasília não deve ter representação por ser sede do Governo, peca pela inconsistência. "Justamente por sediar órgãos centrais do Governo nacional, por estar intimamente ligada à atuação da representação política de todas as unidades da Federação é que a popu-

lação brasiliense possui todas as condições de ser representada", afirma ele. O brasiliense tem uma visão abrangente da realidade nacional que lhe permite uma participação intensa na globalidade dos problemas e das soluções políticas para o País".

"Eu nunca desistir de votar", afirma Rubens de Azevedo Lima, comentarista político da "Folha de São Paulo". "Vim para Brasília em 60, mas meu título ainda é do Rio. É inconcebível que outras pessoas que vieram comigo tenham abdicado de votar, quando também poderiam ter mantido o título".

Para o jornalista, existem três tipos de brasileiros: o de primeira categoria, que é o que vota normalmente e elege seus representantes; o de segunda categoria, aquele que vota em Brasília para o seu Estado de origem e por isso só vota parcialmente; e o de terceira categoria, que não vota, ou seja, o brasiliense. Ele afirma ainda que, como não há voto direto, a primeira categoria é prejudicada.

Rubens acredita que houve uma regressão na luta pela representação política, já que o Rio de Janeiro, quando capital

federal, não elegia seu prefeito, mas existia a luta a fim de se estabelecer a sua eleição. "Hoje não elegemos nem vereadores", afirma ele, "mas não se deve deixar de lutar".

Rubens se pergunta por que não se reestabelecer as comissões da Câmara, "que funcionavam tão bem", ao contrário da comissão de senadores, que vêm de outros Estados e não vivem na cidade. Mas esclarece: "Sou a favor de eleições diretas".

Para Francisco Baker, do jornal "O Globo", devem ser estabelecidas as eleições diretas para representantes políticos no Distrito Federal, pois "os 500 mil eleitores de Brasília sofrem discriminação em relação aos demais brasileiros, pois só eles ficam privados de votar".

Baker, no entanto, questiona a representação a nível local, por ser de opinião que "a cidade é fortemente subsidiada com recursos do Governo Federal, e uma Câmara de Vereadores poderia estar manipulando recursos que não foram gerados pela comunidade que a elegeu". Para Baker, a representação a nível local necessita que a cidade antes se torne autossustentável.